

JOEL R. BEEKE &
STEVEN J. LAWSON



RAIZ & FRUTO

Harmonizando Paulo e Tiago
Sobre a Doutrina da Justificação



Você leu dois sermões sobre Abraão e como ele foi justificado. No primeiro, o pastor Paulo diz muito claramente que nós somos justificados pela fé. Mas depois, quando você lê o pastor Tiago, ele diz (tão claramente que você se lembra de suas palavras exatas), “Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé”.

Agora você tem dois problemas. Problema 1: Parece que estamos diante de uma contradição. Problema 2: O pastor Paulo é, na verdade, Paulo o apóstolo, e o pastor Tiago é Tiago, o irmão do nosso Senhor. O que você deve fazer? Em *Raiz e Fruto*, dois dos pregadores mais influentes de nosso tempo explicam pacientemente as Escrituras e nos ajudam a resolver o “problema”. Alerta de *spoiler* de João Calvino: Se você acha que pode receber Cristo para justificação sem recebê-lo para santificação, você “divide Cristo”.

— Sinclair B. Ferguson

Compare Tiago 2:24 com Romanos 3:28 como versículos isolados e você pode supor que Paulo e Tiago estavam discordando um do outro. Porém preste atenção ao contexto, e um entendimento totalmente diferente emerge. Tiago está refutando os libertinos; Paulo está repudiando o legalismo. Eles estavam lutando juntos na defesa da justificação pela fé, combatendo diferentes inimigos que estavam atacando o Evangelho a partir de lados opostos. Joel Beeke e Steven Lawson expõem e analisam esses textos com muito cuidado e clareza extraordinária, e então provam definitivamente que Paulo e Tiago estavam de pleno acordo em cada ponto da verdade do Evangelho. Esse é um livro extremamente útil sobre um assunto difícil — mais valioso do que a maioria dos volumes que possuem vinte vezes mais páginas.

— John MacArthur

Temos uma grande dívida para com Joel Beeke e Steven Lawson por este livro. Ele nos ajuda a ver que não há contradição

entre Tiago e Paulo quanto ao entendimento e ensino deles sobre a doutrina da justificação. Uma correta compreensão doutrinária do Evangelho é crucial para a salvação e para uma sensível segurança da salvação. Portanto, nunca devemos permanecer confusos quanto ao Evangelho. Nossa salvação eterna é somente pela graça através da fé em Jesus Cristo somente. No entanto, ela é uma salvação que produz boas obras. Leia este livro e você nunca mais ficará inseguro a respeito desse assunto!

— Conrad Mbewe Pastor da Igreja Batista de Kabwata
Lusaka, Zâmbia

JOEL R. BEEKE &
STEVEN J. LAWSON



RAIZ & FRUTO

*Harmonizando Paulo e Tiago
Sobre a Doutrina da Justificação*



1ª Edição

Francisco Morato, SP
O Estandarte de Cristo

2020

Título Original *Root and Fruit: Harmonizing Paul and James on Justification*
Por Joel R. Beeke e Steven J. Lawson Copyright © 2020 Joel R. Beeke e
Steven J. Lawson. Todos os direitos reservados.



Published by Free Grace Press
1076 Harkrider
Conway, AR 72032. United States.



Copyright © 2020 Editora O Estandarte de Cristo Francisco Morato, SP, Brasil



1ª edição em português: 2020.



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora O Estandarte
de Cristo. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves
citações, com indicação da fonte.



Salvo indicação em contrário e leves modificações, as citações bíblicas
usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright
© 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.



Tradução: Camila Rebeca Teixeira Revisão de Tradução: William Teixeira
Revisão ortográfica: Josué Meninel Capa: Dustin Benge Adaptação da capa e
diagramação: William Teixeira ■
Visite: oestandartedecristo.com

Sumário [Introdução](#)

[Capítulo 1](#)

[A Raiz da Justificação](#)

[Capítulo 2](#)

[Os Meios da Justificação](#)

[Capítulo 3](#)

[A Fé Salvífica](#)

[Capítulo 4](#)

[O Fruto da Justificação](#)

[Capítulo 5](#)

[A Fé que Não Salva](#)

[Capítulo 6](#)

[Justificado pelas Obras ou pela Fé?](#)

[Capítulo 7](#)

[A Raiz Produz o Fruto](#)

Introdução

Nós devemos estar certos sobre a doutrina da justificação por várias razões importantes. Em primeiro lugar, essa doutrina não está apenas no coração do Evangelho, mas ela é o Evangelho. Em segundo lugar, a doutrina da justificação é o maior antídoto contra a heresia. Quase todas as heresias têm se originado a partir de um entendimento errado acerca dessa doutrina. Em terceiro lugar, a justificação é um grande incentivo para uma igreja avivada. Somente Deus pode operar um avivamento, mas o verdadeiro avivamento nunca ocorre sem que antes haja a redescoberta de uma verdade bíblica tão básica quanto a justificação pela fé somente. Em quarto lugar, a justificação tem grande impacto sobre uma vasta gama de problemas pastorais tais como a falta de segurança da fé e a incapacidade de lidar com as aflições de um modo cristão. Quinto, toda a vida cristã é pouco mais do que uma descoberta contínua da glória e do poder da justificação. A tragédia de nossas vidas cristãs e a razão pela qual talvez haja tão pouco poder em nossa santificação contínua é porque deixamos de nos maravilhar com a nossa justificação.

Porém, uma coisa é reconhecer que é crucial estar certo sobre a justificação por muitas razões importantes, mas outra coisa é responder de maneira prática e pastoral à pergunta: *Quem é justificado?*

Suponha por um momento que você é pastor e sua igreja exige um testemunho verbal de uma profissão de fé confiável perante os pastores e presbíteros para que alguém se torne um membro. Permita-me apresentar-lhe dois homens, o Sr. João e o Sr. Carlos,

dois casos típicos de teste, que estão se candidatando à membresia de sua igreja e desejam participar da ceia do Senhor.

Na presença dos seus presbíteros, você pergunta ao Sr. João: “Com base em quê o senhor acredita que é cristão e deve ser recebido na comunhão desta igreja”? O Sr. João responde: “Bem, eu acho que minha vida inteira demonstra que sou um cristão firme. Eu cresci na igreja e sempre fui religioso. Acredito que a Bíblia é a Palavra inerrante de Deus e tenho crenças profundamente reformadas e bíblicas. Eu leio a Bíblia e oro todos os dias e nunca deixo de ir a um culto na igreja. Eu oferto meu dinheiro à igreja e contribuo generosamente com organizações cristãs e de caridade. Participo de todas as conferências reformadas que posso. Sou um marido fiel, um bom pai e um trabalhador honesto. Por esses motivos, creio que sou um cristão e confio que vocês me receberão em sua comunhão na igreja como um membro fiel”.

O Sr. João sai da sala e o Sr. Carlos se assenta diante de você. Você está um pouco preocupado com o que ele vai dizer, porque ele não tem frequentado a igreja regularmente. Você faz a mesma pergunta que fez ao Sr. João, e fica felizmente surpreso. O Sr. Carlos responde de forma enérgica e sucinta: “Minha resposta é simples: Eu nasci de novo. Fui justificado, sou salvo e confio somente no sangue de Cristo para a salvação. Todo louvor seja à graça soberana de Deus. Aleluia!”.

Então, você pede ao Sr. Carlos que saia da sala por um momento enquanto discute esses dois casos. Você olha para seus presbíteros e percebe no rosto deles que estão mais impressionados com o Sr. Carlos do que com o Sr. João. Um presbítero diz com segurança: “Certamente não há dúvidas sobre o caso do Sr. Carlos. Ele tem o que é fundamental: Ele conseguiu nos dizer as coisas certas sobre o que é ser salvo, ser justificado e ter Cristo. Podemos ser gratos por esse irmão ser um crente evangélico”.

Você suspira e em seguida, com tristeza, tira do seu bolso uma carta do antigo pastor do Sr. Carlos. “Irmãos”, você diz, “infelizmente, tenho em mãos uma carta que precisarei ler para vocês”. Então você começa a ler: Eu lhe aconselho a ser cauteloso, caso venha a entrevistar o Sr. Carlos com o objetivo de recebê-lo para a membresia da igreja. Ele pode falar como um anjo, mas devo lhe avisar que ele é muito inconstante com isso em seu modo de viver. Por vezes, ele maltratou verbalmente a sua esposa de tal forma que ela perdeu todo o respeito por ele e, além disso, costuma ser grosseiro com os seus próprios filhos. Ele não consegue trabalhar honestamente por um dia sequer. Tampouco aceita qualquer repreensão amorosa. No domingo, ele tem a aparência e o discurso de um crente maduro, mas durante a semana, a sua vida não corresponde ao que ele professa.

E agora, quem deve ser aceito? O Sr. João? O Sr. Carlos? Nenhum dos dois? Os dois?

Permita-nos deixar esse assunto de lado por um momento antes de podermos responder a essas perguntas. Para ter um entendimento correto sobre a justificação e compreendê-la de forma prática e pastoral a fim de responder a tais perguntas acertadamente, precisamos entender direito a relação de Paulo e Tiago sobre esse assunto crítico. A relação entre Romanos 3:21-28 e Tiago 2:14-26 há muito tempo tem sido uma fonte de controvérsia na igreja. O apóstolo Paulo escreve em uma linguagem inquestionável que um homem é justificado *somente* pela fé, sem qualquer obra. Tiago parece contradizê-lo ao escrever, em linguagem igualmente clara, que um homem é justificado pela fé e pelas obras.

Então? Um homem é justificado pela fé ou ele é justificado pela fé e pelas obras? Será que Tiago contradiz Paulo? Será que Paulo está em controvérsia com Tiago? Quem está certo? Esse dilema

sobre os meios da justificação há tempos tem intrigado muitos na igreja.

Uma Porta de Acesso ao Céu Há quase quinhentos anos, um professor de Bíblia na Universidade de Wittenberg chamado Martinho Lutero ensinava o livro de Romanos aos seus alunos quando se convenceu cada vez mais de que o tema central de Romanos é a justificação somente pela fé. Lutero estava profundamente convencido desta verdade e isso o levou a uma grande crise que marcou sua vida, quando então ele depositou a sua fé na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Em algum momento, entre 1514 e 1519, Lutero foi radicalmente convertido a Cristo no que é chamado de sua “experiência da torre”. Mais tarde, Lutero escreveu sobre essa dramática experiência: Eu desejava muito entender a epístola de Paulo aos Romanos e nada se interpunha no caminho a não ser aquela expressão “a justiça de Deus”, porque eu a entendia como aquela justiça pela qual Deus é justo e age com justiça ao punir os injustos... Noite e dia eu meditei nisso até... que compreendi a verdade que a justiça de Deus é aquela justiça pela qual, por meio da graça e da pura misericórdia, ele nos justifica pela fé. A partir daí, senti como se eu tivesse renascido e entrado pelas portas abertas do paraíso. Toda a Escritura ganhou um novo significado. Enquanto anteriormente “a justiça de Deus” me enchia de ódio, agora ela se tornou inexpressivamente doce e muito amada. Essa passagem de Paulo tornou-se para mim uma porta de acesso ao céu.

De repente, Lutero viu e entendeu pelo livro de Romanos que Deus justifica o pecador baseado somente na fé em Cristo. A justificação somente pela fé se tornou a doutrina fundamental da Reforma no século XVI e continua a ser a pedra fundamental para cada igreja verdadeira hoje. Como Lutero escreveu, esse é o próprio artigo sobre o qual a igreja permanece de pé ou cai.

Isto é tão verdadeiro agora como o foi no século XVI, quando Lutero lutou por essa doutrina, e no primeiro século, quando Paulo e Tiago escreveram. Alguns hoje, sob a nomenclatura da Nova Perspectiva sobre Paulo, defendem essencialmente uma salvação com base em fé e obras, afirmando que a salvação se baseia na fé e na perseverança em boas obras. É claro que, como veremos, a verdadeira fé sempre se manifesta em obras, mas não somos salvos pela fé acrescida de obras perseverantes. Deus usa somente a fé como instrumento de salvação.

Uma Epístola de Palha Pouco tempo depois, Lutero veio ao livro de Tiago e procurou dar sentido ao que ele diz sobre a justificação pela fé e pelas obras. Na introdução à primeira edição do seu Novo Testamento alemão, escrita em 1522, Lutero fez a seguinte observação frequentemente citada sobre o livro de Tiago: As epístolas de São Paulo, especialmente as de Romanos, Gálatas e Efésios, bem como a primeira epístola de São Pedro, são os livros que mostram Cristo e ensinam tudo o que é necessário e abençoado saber, mesmo que nunca vejamos ou ouçamos qualquer outro livro ou doutrina. Portanto, a epístola de São Tiago é uma epístola de palha em comparação com aquelas; pois não possui qualquer característica evangélica.

Lutero chamou a carta de São Tiago de “epístola de palha”, o que significa que ele a considerou fraca, de pouco conteúdo ou substância em relação ao Evangelho. Lutero ficou confuso. Ele não estava negando a inspiração do livro de Tiago ou a sua canonicidade. Antes, ele estava menosprezando o seu valor para a igreja em comparação com o livro de Romanos porque Tiago, segundo a sua consideração, contém poucos ensinamentos sobre as grandes doutrinas do Evangelho, das quais Lutero havia se tornado um defensor ferrenho. A principal fonte do desconforto de Lutero com Tiago era a Igreja Católica Romana e seus ensinamentos sobre a justificação pela fé e pelas obras. Lutero

estava certo de que Tiago não é um tratado doutrinário *per se*. Em vez disso, é um livro intensamente prático; não é um manual sobre a justificação, mas sobre a santificação.

A questão é: Como harmonizar Romanos e Tiago nessa questão da justificação? Paulo diz claramente que a justificação é pela fé, à parte das obras, e Tiago afirma que é pela fé e pelas obras. É útil notar que os reformadores identificaram corretamente um princípio interpretativo chave, chamado de *analogia da fé* ou *analogia da Escritura*. Esse princípio hermenêutico afirma que a Bíblia inteira fala com uma só voz. Ou seja, a Escritura nunca pode contradizer a si mesma. Toda a Escritura é uma tapeçaria da verdade na qual cada fio de doutrina é perfeitamente tecido, fazendo uma declaração da verdade. A Bíblia apresenta um plano de salvação.

Logo, sabemos que Paulo e Tiago não podem contradizer a si mesmos. Eles falam com uma só voz, mas como? Trataremos dessas duas passagens separadamente e depois buscaremos harmonizá-las.

A Raiz da Justificação



Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei.

(Romanos 3:21-28) Primeiramente olharemos para Romanos 3 e 4 sob o título “A Raiz da Justificação”. Começaremos em Romanos 3:21 e prestaremos uma atenção cuidadosa às preposições. O que vemos é que a justificação é “pela” graça (v. 24), “pela” ou “através” da fé (vv. 22, 25, 28, 30), “em” Jesus Cristo (vv. 24, 26), “sem” as obras da lei (vv. 21, 28). Essa é a raiz da justificação. Sem essa raiz não pode haver justificação, pois “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (v. 23). A justificação é pela graça, através da fé, em Cristo, sem as obras da lei.

Uma Justiça que vem de Fora de Nós Em Romanos 3:21, Paulo escreve: “Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas”. Paulo quer dizer que a justiça que vem de Deus é totalmente distinta das obras da lei. As tentativas de cumprir a lei de Moisés não podem salvar. Ninguém no Antigo Testamento, que viveu debaixo da lei ou dos profetas, jamais foi salvo pela obediência à lei. Nenhuma quantidade de boas obras fruto de observância à lei poderia trazer um pecador a uma posição de justo diante de Deus. No versículo 22, Paulo continua: “Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo”. Em outras palavras, Deus concede a sua justiça àqueles que a recebem somente pela fé em Cristo. Lutero chamou essa justiça de uma justiça “de fora” ou uma justiça “de outro”. Isso significa que é uma justiça que está fora da pessoa que a recebe, uma justiça que vem de Deus e é dada gratuitamente ao pecador que crê em Jesus Cristo. Essa justiça que vem de fora não se origina no crente; o crente não a realiza a partir de si mesmo. Ao contrário, ela vem do alto, é concedida livremente ao pecador que crê somente em Jesus Cristo para a salvação.

No final do versículo 22, Paulo declara: “para todos e sobre todos os que creem; porque não há diferença”. Seja judeu ou gentio, essa justiça é para todos os que creem. As palavras *fé* e *crer* têm a mesma raiz na língua grega (*pistis*, *pisteuo*), e servem para fazer uma afirmação dupla de que a justificação é somente pela fé. Não há absolutamente nenhuma menção a qualquer contribuição de qualquer obra humana para a justificação. De fato, no início do versículo 21, Paulo diz enfaticamente que a justificação é sem as obras da lei. Nada poderia ser mais claro do que isso.

Por que todos precisam ser justificados pela fé? Paulo explica em Romanos 3:23-24: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados...”. Ser *justificado* é Deus declarar o pecador culpado como justo, o que concede a ele uma

posição de plena aceitação diante de Deus. A justificação é a declaração forense de Deus, que credita a perfeita observância da lei e da justiça do seu Filho ao pecador que crê. Para que não haja qualquer mal-entendido, Paulo acrescenta: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue” (vv. 24-25). A justificação é somente pela graça e para pecadores imerecedores. Essa justiça é concedida como um dom gratuito. Não há absolutamente nada que um ser humano caído e pecador possa fazer para merecê-la. Ela é recebida exclusivamente pela fé — um fato ensinado de modo claro nos versículos 22 e 25. Além disso, ela está somente em Cristo, como afirmam os versículos 22 e 24, e sem a lei, de acordo com o versículo 21.

Como grande mestre que era, Paulo ensina essa verdade tanto com uma negação quanto com uma afirmação positiva. Paulo nos diz como a justificação *não é recebida* e também como ela é *recebida*. Não há espaço para qualquer mal-entendido.

A justificação, como Paulo afirma, não é pelas obras da lei, mas somente pela fé. É a partir desses mesmos versículos e do seu contexto que nasceram os grandes *solas* da Reforma. A justificação é *sola gratia*, somente pela graça; *sola fide*, somente pela fé; *solus Christus*, somente em Cristo. Essa é precisamente a essência do Evangelho. E nos versículos 25-26 Paulo diz: “para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”. O apóstolo declara que a morte de Cristo é o único motivo da justificação e que a fé é o seu meio exclusivo. Nada poderia ser mais claro do que isto: A justificação é somente pela fé em Cristo.

O Contraste entre as Obras e a Fé Começando no versículo 27 de Romanos 3, Paulo agora lida com o contraste entre as obras

e a fé para que não haja nenhum mal entendido. Ele o apresenta como uma situação de *esta ou aquela*, nunca como uma proposta de *esta e aquela*. A fé e as obras são mutuamente exclusivas, nunca inclusivas, no que diz respeito aos meios da justificação. No versículo 27, Paulo pergunta: “Onde está logo a jactância?”. Todo o seu argumento é que se a justificação for por obras, devemos nos vangloriar em nós mesmos. Mas se a justificação for somente pela fé, então não há jactância: “Onde está logo a jactância? É excluída”. Quando Paulo faz essa afirmação, ele se refere à nos vangloriarmos em nós mesmos, como se as nossas obras pudessem alcançar a justificação. O apóstolo continua: “Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé” (v. 27). Ele está dizendo que Deus não justifica com base em — na premissa, princípio ou lei das — obras. Pelo contrário, é pela lei da fé. Na verdade, é *somente* pela lei da fé. O versículo 28 é enfático e dogmático: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei”. Quando Lutero traduziu esse versículo do Novo Testamento grego de Erasmo para a língua alemã, uma obra que ele iniciou enquanto se refugiava no Castelo de Wartburg, ele acrescentou a palavra *somente*. Embora ela não seja encontrada no texto original, o reformador fez isso para que não houvesse mal entendidos entre o povo alemão quanto aos meios da justificação. A tradução, embora interpretativa, é justificável se levarmos em conta a outra única alternativa — a justificação pelas obras — o que Paulo refutou expressamente.

Nos versículos 29 e 30, Paulo pergunta: “É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente, visto que Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão”. Paulo está afirmando que há somente um caminho de salvação ensinado na Bíblia. Há um caminho de salvação para o judeu e esse é exatamente o mesmo caminho para os gentios. Há um caminho de salvação para os que estão no Antigo Testamento e esse é exatamente o mesmo caminho de salvação apresentado no Novo Testamento, seja para um judeu

ou para um gentio. Há apenas um caminho de salvação e esse é somente pela fé em Cristo. A circuncisão é nada. A incircuncisão é nada. A fé em Cristo somente é tudo.

Os Meios da Justificação



Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus. Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Ora, àquele que faz qualquer obra não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça.

(Romanos 4:1-5)

Paulo prossegue com o argumento do *sola fide* em Romanos 4 e se volta para o pai de toda a nação de Israel, Abraão. Como Abraão foi salvo no Antigo Testamento? Abraão foi salvo pelas obras ou pela fé? Paulo agora mostra que Abraão foi justificado pela fé, sem qualquer obra humana. De fato, Romanos 4 ilustra o ensino de Romanos 3; Paulo passa a demonstrar o que ele ensinou em Romanos 3 a partir da vida de Abraão (vv. 1-5) e de Davi (vv. 6-8). O apóstolo não conseguiria apresentar duas pessoas mais estimadas do Antigo Testamento do que Abraão e Davi. Ele mostra que esses dois homens foram salvos somente pela fé.

Começando no versículo 1: “Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne?”. A pergunta trata da justificação. O que Abraão descobriu sobre a justificação? No versículo 2, Paulo responde à pergunta: “Porque, se Abraão foi

justificado pelas obras, tem de que se gloriar”. Se Abraão pudesse ser suficientemente bom para encontrar aceitação diante de Deus através das suas próprias obras, ele poderia se gloriar da própria bondade humana. Mas Paulo acrescenta no final do versículo 2: “mas não diante de Deus”. Isto é, se ele estivesse se gloriando em suas próprias obras, certamente não seria diante de Deus. A razão está no versículo 3: “Pois, que diz a Escritura?”.

Paulo agora apela para o Antigo Testamento, afirmando que a justificação sempre foi somente pela fé. Como um advogado que apresenta provas diante de um tribunal, assim Paulo cita Gênesis 15:6 na segunda metade do versículo 3: “Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça”. Esse versículo ensina que a justificação é o ato pelo qual Deus credita a sua perfeita justiça à conta espiritualmente falida do pecador culpado e condenado que crê em Cristo. Estamos todos espiritualmente falidos diante de um Deus santo (Romanos 3:23) e “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23). Não possuímos em nossa conta nenhum capital espiritual que mereça uma posição de direito diante de Deus. Na justificação, Deus toma a própria justiça de Jesus Cristo e a imputa à nossa conta. Essa transação é realizada pela fé. Quando Deus examina os seus livros no céu e olha ao lado de nosso nome, ele vê a perfeita justiça de Cristo que nos foi imputada com base na fé.

A Fé Somente: O Único Meio de Justificação O fundamento para a transferência de tão vastas riquezas para nossa conta não é simplesmente a fé, mas *somente* a fé. Em Romanos 4:3, Paulo nos diz: “Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça”. A justificação é a imputação legal da justiça de Deus à conta de Abraão, e foi feita exclusivamente com base na fé salvífica. Expondo este versículo, Teodoro Beza comenta: Abraão não foi justificado, e feito o pai dos crentes, por qualquer uma das suas próprias obras, quer anteriores ou posteriores à sua fé em Cristo, como lhe foi prometido; mas puramente pela fé em Cristo, ou

o mérito de Cristo foi imputado a ele pela fé para a justiça. Portanto, todos se tornam filhos de Deus e são justificados não por suas obras, quer anteriores ou aquelas que posteriormente acompanham a sua fé; mas somente pela fé no mesmo Cristo.

Paulo continua afirmando no versículo 4: “Ora, àquele que faz qualquer obra” — referindo-se a todos os esforços humanos para obter justiça própria através do cumprimento da lei — “não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida”. Em outras palavras, se uma pessoa pudesse fazer qualquer obra perfeitamente para receber a justiça de Deus, a justificação não seria um dom, mas um salário conquistado. Paulo conclui no versículo 5: “Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça”. Portanto, essa negação e essa afirmação positiva declaram que a justificação é *somente* pela fé.

A justificação somente pela fé foi o ponto crítico para a Reforma no século XVI. Tudo se resumia à recuperação do Evangelho de Jesus Cristo. Como o homem pecador pode ser justificado diante de um Deus santo? Como os pecadores podem ser recebidos por um Deus santo? A dobradiça sobre a qual toda religião gira, disse João Calvino, é essa doutrina da justificação pela fé. Tudo girou no entorno dessa doutrina central. O campo de batalha na Reforma foi como a justiça de Deus era dada ao pecador culpado. É pela fé e pelas obras, ou é somente pela fé? A Igreja Católica Romana sustentou que era por um complexo labirinto de fé e de obras. Roma afirmava que era necessário crer e observar as obras da lei: A justificação exigia o sacramento do batismo, a membresia à igreja, a confissão de pecados a um padre, a compra de indulgências, passar um determinado tempo no purgatório e assistir a missas. Tudo isso era exigido e, ainda assim, não era dada justiça suficiente ao pecador.

As Obras: A Justiça de Roma Roma afirmava que para que a justiça fosse consumada era preciso fazer uso de um suposto tesouro de mérito no céu. Ela insistia que há aqueles que já foram para o céu e que tinham muita justiça extra para acrescentar ao seu depósito de tesouro celestial. Essa justiça excedente estaria disponível para compensar o que falta aos pobres e vacilantes pecadores, como você e eu. Assim, se esses outros meios de graça não fossem suficientes, uma justiça adicional poderia ser extraída do tesouro de mérito.

Mas mesmo tudo isso não necessariamente seria suficiente. Mesmo até o último suspiro do pecador no leito de morte, o padre se apressaria para administrar os últimos ritos em um esforço de horas para obter mais justiça para a conta do pecador culpado. Poucos neste sistema romanista têm garantia da sua própria salvação porque essa compreensão da justiça se baseia na realização de obras de retidão para satisfazer o padrão perfeito de Deus. Mas quem pode fazer o suficiente? No entanto, essa foi a posição da Igreja Católica Romana defendida no Concílio de Trento (1545-1563), e ela nunca mudou até hoje.

Na verdade, Roma apenas continua a acrescentar a necessidade de obras a todo esse sistema imundo. Eles acrescentaram a oração à virgem Maria e aos santos para que tenhamos acesso ao Senhor Jesus. Mas ainda não há justiça suficiente disponível. Você sabe por quê? Porque nem uma gota de retidão pode ser dada através de qualquer um desses meios de justificação. Isaías 64:6 diz: “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiça como trapo da imundícia”. Essa é a avaliação de Deus sobre a justiça própria do homem. A palavra para “trapo da imundícia” se refere ao que era usado durante o ciclo menstrual de uma mulher. Nossas obras de justiça própria são como trapos repugnantes diante de um Deus santo.

O que Lutero encontrou — o que Martin Bucer encontrou, o que Ulrico Zuínglio encontrou, o que João Calvino encontrou e o que todos os reformadores encontraram, inclusive John Knox, enquanto examinavam a Palavra de Deus — foi essa verdade fundamental: a justificação é *somente* pela fé. Esses homens falaram da perspicuidade das Escrituras, o que significa que a Bíblia fala com clareza inequívoca sobre a salvação. Mesmo uma criança pequena poderia pegar a Escritura, lê-la e entender o que ela diz sobre a salvação. A verdade seria muito clara para qualquer pessoa que lesse a Bíblia em dependência do Espírito, a saber, que a justificação é somente pela fé, sem qualquer obra humana. Esse foi o canhão disparado no século XVI; o tiro que se ouviu ao redor de todo o mundo e que continua a reverberar até hoje.

A Fé Salvífica



R.C. Sproul escreve em *The Reformation Study Bible* a seguinte declaração a respeito da importância da fé: “A fé é o meio ou instrumento pelo qual uma pessoa é salva. Os cristãos são justificados diante de Deus pela fé”. Sproul esclarece o que é a verdadeira fé salvífica: “A fé não pode ser definida em termos subjetivos como um sentimento ou uma decisão otimista. Tampouco é uma ortodoxia passiva. A fé é uma resposta dirigida a um objeto e é definida pelo que é crido. A fé cristã é a confiança no Deus eterno e em suas promessas asseguradas por Jesus Cristo. Ela vem pelo Evangelho na medida em que ele é compreendido através da obra graciosa do Espírito Santo”.

O Que é a Fé Salvífica?

Quando Sproul diz, “fé cristã”, ele quer dizer fé *salvífica* ou uma fé *viva* — uma fé verdadeira que salva. Ele acrescenta: “A fé cristã é um ato pessoal que envolve a mente, o coração e a vontade. Bem como é dirigida a um Deus pessoal e não a um ídolo ou a uma ideia”.

Sproul está afirmando que a fé salvífica é um ato *pessoal* dirigido a um Deus pessoal. Ele continua: É comum analisarmos a fé como envolvendo três passos: conhecimento, concordância e confiança. O primeiro é o conhecimento ou compreensão do conteúdo do Evangelho. Ou seja, primeiro devemos conhecer a verdade do Evangelho de Jesus Cristo. Esse é um ato pessoal

dirigido à verdade proposicional que nos fala a respeito de um Salvador pessoal. Em segundo lugar, é uma concordância ou reconhecimento de que o Evangelho é verdadeiro. Portanto, não apenas devo conhecer a verdade, mas, em segundo lugar, devo concordar que essa é a verdade e deve haver acordo e consentimento em meu coração. Há uma persuasão de que isso é a verdade. Em terceiro lugar, a fé é confiança, o passo essencial para entregar o eu a Deus. Portanto, ela deve ir além da mente e das emoções. Deve ir até o fim e afetar a vontade, onde há uma decisão definitiva e uma escolha que é feita pela qual eu rendo a minha vida e a entrego ao Senhor Jesus Cristo. Eu coloco a minha vida em suas mãos salvadoras, e confio nele e somente nele para me salvar dos meus pecados e para me justificar diante do Pai que está nos céus.

Pela obra do Espírito Santo, essa confiança em Cristo é a natureza da fé salvífica e ela é exatamente a fé a qual o apóstolo Paulo se refere.

Antes de passarmos para a epístola de Tiago, vamos responder a dois questionamentos que talvez você possa ter. Primeiro, talvez você se pergunte: *Por que a salvação que nos justifica vem até nós somente pela fé?* Aqui estão duas boas razões: Em primeiro lugar, Paulo nos diz repetidamente que é pela fé que estamos em Cristo (veja Efésios 1). A fé nos leva a Cristo para que tudo o que Cristo fez por nós se torne realmente nosso. E, ao tornar-se nosso, recebemos de Deus tudo o que Deus fez por nós em seu Filho. Pela fé, então, Cristo vem a nós revestido com as vestes da justificação.

Em segundo lugar, a justificação é somente pela fé porque é o plano de Deus nos salvar ao nos unir pessoalmente a Jesus Cristo de tal forma que nossa ligação com Jesus não contribui em nada para a nossa salvação. Isso faz parte da inexprimível sabedoria encontrada no Evangelho. O Evangelho não opera uma salvação em nossas cabeças, mas em nossas vidas. E a maneira como ele o

faz em nossas vidas sem jamais comprometer a graça é que o meio pelo qual recebemos Cristo é por definição um meio que não contribui em nada para Cristo, antes recebe tudo de Cristo. A fé é, por definição, a recusa de confiar em mim mesmo e a plena confiança nele.

Portanto, a fé é um mandamento santo, uma necessidade pessoal e uma urgência imediata (2 Reis 17:14; João 3:36). Há apenas fé ou condenação (Marcos 16:16). A fé é indispensável. Como escreveu John Flavel: “A alma é a vida do corpo; a fé é a vida da alma; Cristo é a vida da fé”.

Como a Fé Salvífica é Experimentada Em segundo lugar, você pode perguntar: *Como a fé se apossa experencialmente de Cristo e de sua justificação?* Pelo Espírito e pela Palavra de Deus, a fé que justifica é uma graça salvífica que me esvazia de minha justiça própria e me faz receber, descansar e viver dependendo de Cristo e de sua justiça para perdão e salvação.

A fé é uma graça que, de modo experencial, nos convence e esvazia a nossa alma, nos tornando conscientes da situação desesperada em que nos encontramos por causa do pecado e do trágico juízo que merecemos; ela nos esvazia de toda a nossa justiça e nos conduz à justiça de Cristo para que “concordemos de todo o coração com a verdade do Evangelho” (Catecismo Maior de Westminster, pergunta 73). A fé crê de coração no que as Escrituras ensinam sobre nós mesmos, a santidade de Deus e o Salvador Jesus Cristo. A fé se rende ao Evangelho e se lança aos braços estendidos de Deus. Ela foge com toda a pobreza da alma para as riquezas de Cristo, com toda a culpa da alma para Cristo como o Reconciliador e com toda a escravidão da alma para Cristo como o Libertador. A fé confessa, com Augustus Toplady: *Nada em minhas mãos eu trago,
Simplesmente à tua cruz me agarro;
Despido, por vestes, a ti irei;*

*Desamparado, só em ti a graça buscarei;
Imundo, para a fonte corro;
Lava-me, Salvador, ou eu morro.*

Portanto, a fé capacita a nos agarrarmos a Cristo e à sua justiça, e a experimentarmos o perdão e a paz que excede o entendimento (Filipenses 4:7). Como disse João Calvino: “A fé nos faz participantes da justiça de Cristo”. Ela apreende e “se agarra” a Cristo em um abraço caloroso e confiante, entregando a si mesma, apegando-se à sua Palavra e crendo em suas promessas. A fé descansa na pessoa de Cristo — vindo, ouvindo, vendo, confiando, recebendo, abraçando, conhecendo, se alegrando, amando e exultando. Lutero escreveu que a fé se une a Cristo como um anel está unido à sua pérola. A fé se apossa com um coração crente da perfeita justiça, satisfação e santidade de Cristo. A fé une a alma a Cristo e vive a partir de Cristo. Cristo é o único objeto e a única expectativa da fé. A fé leva todo o ser de uma pessoa à rendição total diante da pessoa de Cristo.

Essa preciosa doutrina da justificação somente pela fé é o coração do Evangelho, a essência da glória do Evangelho do bendito Deus triuno, a chave para o reino dos céus. “A justificação pela fé”, escreve John Murray, “é a trombeta de júbilo do Evangelho porque proclama o Evangelho aos pobres e necessitados, cuja única porta de esperança é prostrarem-se em total impotência diante da graça, do poder e da justiça do Redentor dos perdidos”. Em nossos dias decadentes, há uma necessidade urgente de restabelecer e defender a proclamação bíblica dessa doutrina. Não apenas a justificação pela fé ainda é, nas palavras de Lutero, “o artigo pelo qual a igreja permanece de pé ou cai”, mas por essa doutrina cada um de nós deve pessoalmente permanecer de pé ou cair diante de Deus. A justificação somente pela fé deve ser confessada e experimentada por você e por mim. É uma questão de

vida eterna ou morte eterna — e o mais importante, é uma questão que envolve a glória de Deus.

Querido amigo, você já exerceu a fé salvífica no Senhor Jesus Cristo? Você conhece a verdade? Você está convencido da verdade? Você tem agido com base na verdade? Pela graça do Espírito, você já foi esvaziado de sua justiça própria e foi levado a concordar totalmente com o Evangelho? Você tem se arrependido verdadeiramente do pecado e crido somente em Cristo para a salvação? Você tem confiado a sua vida a ele e à justiça dele? Você já se uniu a Cristo como um anel está unido à sua pérola, e agora você está vivendo em dependência dele como o seu tudo em todos?

Caso sim, então toda a justiça de Jesus Cristo foi transferida por Deus para a sua conta no céu. Se for assim, Deus olha para você e vê a perfeita justiça do próprio Cristo. É somente com base nisso que a justiça de Deus é dada a nós, e isso ocorre *somente* pela fé. Essa é a *raiz* da justificação.

O Fruto da Justificação



Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

(Tiago 2:14-18)

Vamos agora para Tiago 2 a fim de considerarmos o *fruto* da justificação. Onde quer que haja a raiz da fé salvífica, sempre haverá os seus frutos. Em Tiago 2, o meio-irmão de Cristo argumenta a necessidade do fruto. Paulo e Tiago estão em total acordo, embora em uma primeira leitura, os dois pareçam estar se contradizendo. Mas os seus ensinamentos estão relacionados, assim como os frutos de uma árvore (Tiago) estão relacionados com as suas raízes (Paulo). As raízes de uma árvore só podem ser consideradas vivas e saudáveis se o fruto for saudável. Os reformadores explicaram a aparente contradição desta maneira: “Somente a fé salva, mas a fé que está só não salva”. Ou seja, a

verdadeira fé salvífica sempre será acompanhada de boas obras que verificam a validade dessa fé e comprovam que ela é real.

Fé Salvífica versus Fé Não Salvífica A Bíblia fala sobre uma fé que salva e uma fé que não salva. Fala sobre uma fé viva e uma fé morta, sobre uma fé verdadeira que nos une a Cristo e uma fé falsa que nos deixa separados de Cristo. Tiago aborda a diferença entre a fé verdadeira e uma fé falsa, entre uma fé que salva e uma fé que não salva. As pessoas frequentemente perguntam: “Como posso saber se minha fé é real?”. É isso que Tiago está abordando aqui e ao longo de sua epístola. Na verdade, toda a carta de Tiago está preocupada com a “religião pura e imaculada” (Tiago 1:27).

Começando no capítulo 2, versículo 14, Tiago introduz o tema da verdadeira fé salvífica. Ele pergunta: “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?”. Tiago reconhece como é fácil alguém simplesmente dizer que tem fé — alguém *diz*. Como é fácil dizer: “Senhor, Senhor”. Como é fácil fazer uma profissão de fé. Como é fácil afirmar: “Sim, eu tenho fé no Senhor”. Tiago está se dirigindo àqueles que simplesmente dizem que têm fé e, contudo, não têm boas obras em sua vida. Essa fé pode salvá-los? Tal fé é verdadeira? A fé sem obras é uma fé viva? A fé sem obras me une de modo correto ao Salvador e à sua justiça? Essa é a questão que Tiago levanta. Poderia haver uma questão mais crucial a ser feita?

Palavras Vazias, Fé Morta Nos versículos de 15 a 16, Tiago dá um exemplo: “E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?”. Isso é entendido como um “Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos” apático e insensível. São palavras vazias que emergem de uma fé morta, que não tem boas obras como as do samaritano, que se movem para ajudar um irmão ou irmã que está em extrema necessidade. Tal pessoa pode falar sobre a fé, mas se não há ação, não há fé real. Para que serve dizer que você tem fé, se ela não está ativa? É possível proferir palavras,

mas se não há obras para sustentá-las, trata-se apenas de conversa religiosa vã. Há uma total desconexão entre as palavras e o modo de agir.

O versículo 17 diz: “Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (ARA). Tal fé que não age é uma fé morta — não é fé. Agora entendemos porque os reformadores disseram: “Somente a fé salva, mas a fé que está só não salva”. A antepenúltima palavra desse versículo, só, é a chave. Se a fé está só, isso significa que nenhuma obra está crescendo a partir dela. Essa fé é uma fé morta. Qualquer que seja a profissão de fé que uma pessoa faça, é uma profissão morta. Qualquer que seja o testemunho que essa pessoa dê, é um testemunho morto. Não há realidade viva quanto à sua afirmação sobre ter fé. Tal fé é uma fé que não salva.

Aquém da Fé Verdadeira R.C. Sproul continua a falar sobre esse tema na *The Reformation Study Bible*: “Quando Tiago diz que a fé sem obras é morta, ele está descrevendo uma fé que conhece o Evangelho”. O Dr. Sproul diz que, primeiro, os fatos estão na mente e, segundo, tal pessoa “até concorda com eles”. “Há uma persuasão interior da sua veracidade”, escreve Sproul, “mas ela permanece aquém da confiança em Deus”. Como descrito em Tiago 2:17, a vontade não passa à ação de modo a entregar sua própria vida a Cristo. Essa pessoa nunca confiou a sua vida ao Senhor Jesus Cristo. Nunca passou das trevas para a vida. Nunca entrou pela porta estreita. Nunca bebeu do sangue de Cristo e comeu de sua carne. Jamais recebeu a Cristo pela fé. Sproul escreve: “O fracasso em crescer, desenvolver-se e dar frutos de justiça mostra que o dom gratuito de Deus em Cristo nunca foi recebido”. A pessoa retratada no versículo 17, cuja fé não tem obras, que possui uma fé morta, é alguém que professa Cristo, mas não o possui. É alguém que diz que tem fé no Senhor, mas, na realidade, não a tem. Jesus advertiu: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7:21). A evidência está na obediência ativa. É necessário

que a profissão de fé seja seguida por obras. Bons frutos devem resultar de boas raízes.

Em Tiago 2:18, o apóstolo antecipa um objetor imaginário e escreve: “Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras”. Aqui termina o argumento do oponente. Então, Tiago responde de modo brilhante na segunda metade do versículo: “Mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras”. A única maneira de você saber que a sua fé é uma fé real e salvífica, diz Tiago, é através da evidência objetiva de uma vida verdadeiramente transformada, uma vida que produz o fruto de boas obras. A fé é a raiz; as boas obras são o fruto. O pecador não é salvo pelo fruto, mas pela raiz. O axioma é verdadeiro: Uma boa árvore produzirá bons frutos (Mateus 7:17). Toda árvore boa é evidenciada pelos bons frutos, e toda árvore boa tem uma raiz boa — uma fé viva. Tiago está tratando da diferença entre alguém que meramente diz ter fé e afirma ser cristão, mas não o é, e outra pessoa que afirma ser cristão e realmente o é. A verdadeira diferença está abaixo da superfície, se uma fé viva está ou não no coração que produz o fruto das boas obras.

5

A Fé que Não Salva



Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremecem. Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?

(Tiago 2:19-20)

Tiago ainda antecipa alguém que discorda nesse ponto e diz: “Tudo o que você precisa fazer é apenas ir até a frente e fazer uma oração. Tudo o que você precisa fazer é apenas dizer: ‘Eu creio’, mesmo que não haja evidências exteriores”. E quanto a essa pessoa? No versículo 19, Tiago responde: “Tu crês que há um só Deus” e argumenta que essa afirmação é sinônimo de alguém fazer uma boa confissão de ortodoxia cristã. Deuteronômio 6:4 é o *Shemá*: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor”. Essa era considerada a declaração suprema de ortodoxia. Como Israel estava rodeado de nações pagãs com seus muitos ídolos, Deus exigia que sua confissão fosse monoteísta: que somente ele é Deus e não há outro. Essa é a confissão de que existe apenas um Deus e que qualquer outro deus é uma farsa, um impostor ou um ídolo vão. Existe apenas um único Deus vivo e verdadeiro. Essa confissão básica representa uma ortodoxia fundamental nos princípios essenciais da verdade.

O Principal Exemplo da Fé que Não Salva No versículo 19, Tiago desafia os seus leitores que poderiam estar dizendo: “Minhas crenças são ortodoxas. Isso não me leva ao céu?”. Tiago responde de modo abrupto e intencionalmente impactante: “Fazes bem. Também os demônios o creem, e estremecem”. Algumas das declarações mais ortodoxas da Bíblia foram feitas por demônios. Considere os testemunhos teologicamente corretos que foram feitos por pessoas possuídas por demônios enquanto estes falavam: “Bem sei quem és: o Santo de Deus” (Marcos 1:24). Mas você quer argumentar que os demônios estão salvos? Você quer dizer que o próprio demônio está certo diante Deus? Isso demonstra que é completamente possível ser teologicamente ortodoxo e estar perdido.

É inquestionável que existem pessoas que têm uma fé que não salva, muito embora tenham uma crença correta. Elas dizem: “Eu creio, eu creio. Existe um só Deus”. Mas o fato é que até mesmo os demônios concordam com isso. O inferno é ortodoxo em sua teologia. Os demônios colocam os pingos em seus i's teológicos. Eles têm grande inteligência, pois são dotados por seu Criador de um esplendor extraordinário. Os demônios creem que existe um só Deus, mas tremem completamente. Os demônios o têm na mente e nas emoções. Eles conhecem a verdade de quem Jesus é, e conhecem o Evangelho. Eles até conhecem o seu próprio juízo no final dos tempos. Eles estão emocionalmente persuadidos da verdade, tanto que tremem de medo absoluto. Mas eles não se submetem, nem agem voluntariamente em submissão ao Senhor Jesus Cristo.

Cabeça Cheia, Coração Vazio Esse exemplo é apresentado como um alerta solene para um número incalculável de pessoas que têm uma fé que não salva. Elas conhecem e aprovam a declaração doutrinária. Elas foram batizadas e são membros da igreja. Elas estão lá sempre que as portas da igreja estão abertas e elas se

engajam no serviço. Mas nunca chegaram ao ponto de se arrepender do seu pecado, de abandonar o seu pecado, de confessar o seu pecado a Deus, de reconhecer a culpa do seu pecado e de invocar o nome do Senhor para que sejam salvas. Elas nunca desistiram de si mesmas para começar a confiar somente em Cristo. Nunca morreram para si mesmas para que pudessem viver por Cristo. Sua fé é uma fé falsa; a sua profissão de fé é falsa; sua esperança é uma fé de mentira. Em João 2:23-25, está registrado que havia pessoas que criam no Senhor Jesus Cristo, mas ele não confiava nelas “porque a todos conhecia... porque ele bem sabia o que havia no homem”. Jesus não acreditava na crença de tais pessoas.

Tiago ainda faz outra pergunta que separa o trigo do joio: “Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?” (Tiago 2:20). A fé sem obras é inútil para justificar. Tiago está rogando que tais pessoas que estão enganando a si mesmas desistam do seu testemunho morto. Isso é tomar o nome do Senhor em vão ao extremo. Ele está perguntando: *Você não está disposto a desistir de se apegar à essa sua fé que não salva e que não tem boas obras?* A fé sem obras é inútil para que você entre no reino de Deus. Ela é inútil para uni-lo ao Deus vivo. Tal fé não recebe a justiça que vem de Deus.

6

Justificado pelas Obras ou pela Fé?



Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vêς que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada. E cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus. Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé. E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários, e os despediu por outro caminho? Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.

(Tiago 2:21-26)

Tiago levanta ainda outra questão no versículo 21: “Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?”. Esse é um texto chave, e inicialmente parece estar em total contradição com o que Paulo afirma em Romanos 3 e 4. Como podemos ser justificados tanto pela fé quanto pelas obras? Como podemos desatar esse nó?

Duas observações importantes devem ser feitas aqui. Primeiro, essa referência à ocasião em que Abraão ofereceu Isaque é

encontrada em Gênesis 22. Entretanto, quando Paulo citou, a partir do Antigo Testamento, que “creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça”, ele se referiu a Gênesis 15, não a Gênesis 22. Essa é uma distinção crucial porque Gênesis 15:6 é quando Abraão exerceu a fé salvífica em Deus e foi justificado. Gênesis 15 é quando Deus transferiu a sua própria justiça perfeita para a conta moralmente falida de Abraão. Mas o versículo 21 menciona Gênesis 22 e o que aconteceu posteriormente em sua santificação — um evento que ocorreu três décadas após Abraão ter sido justificado pela fé. Esse é um tipo diferente de justificação.

Justificado pelas Obras?

Em Gênesis 22, Abraão já estava salvo. Essa justificação que ele recebe então — *“foi justificado pelas obras”* — significa que a fé de Abraão estava sendo validada como genuína. Em Gênesis 22, a fé de Abraão foi confirmada como uma fé verdadeira e viva. No versículo 21, Tiago menciona aquele ponto crucial na vida de Abraão quando ele foi chamado por Deus para pegar o seu filho — o seu único filho, Isaque — e subir ao cume do Monte Moriá e oferecê-lo a Deus no altar. Esse foi um teste para a veracidade de sua fé, uma validação da autenticidade de sua fé. Abraão já havia sido justificado pela fé, mas agora a sua fé estava sendo justificada pelas obras. As suas boas obras estavam autenticando a validade da sua fé — uma fé exercida pela primeira vez trinta anos antes. Abraão não foi justificado de modo forense em Gênesis 22 e nem foi declarado justo por Deus ali. Essa declaração legal ocorreu três décadas antes, em Gênesis 15. Em Gênesis 22, a fé de Abraão está sendo justificada. Ou seja, a sua fé está sendo validada como uma fé verdadeira, viva e salvífica através daquele teste de sua obediência.

Testes de fé ocorrerão na vida de todos os crentes. Deus levará todos os seus justificados a certas provas que servem como pontos críticos. Essas são oportunidades para demonstrar a genuinidade de nossa fé como crentes justificados. A verdadeira fé foi exercida no

momento da nossa conversão. Uma provação não é nosso ponto de entrada no reino; ela se torna simplesmente uma confirmação e validação de que a nossa fé é verdadeira.

Uma Fé que Opera Tiago amplia o seu argumento no versículo 22 quando escreve: “Bem vês que a fé cooperou com as suas obras”. Isso é a verdadeira fé: uma fé operosa. A verdadeira fé é uma fé viva que tem pernas para andar, que se põe de pé, caminha e se move em obediência a Deus. Isso é o que Abraão tinha. Ele tinha uma fé viva que agia e que o impulsionou a subir o monte para sacrificar Isaque a Deus. O versículo 22 continua: “E que pelas obras a fé foi aperfeiçoada”. Abraão tinha uma fé que agia. Uma fé que não age não é a fé verdadeira. A expressão “foi aperfeiçoada” significa que a fé deve ser levada a grau maior de maturidade. Ela precisa ser mais plenamente amadurecida. Essa mesma palavra é usada anteriormente em Tiago 1: “Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações; sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais *perfeitos* e completos, sem faltar em coisa alguma” (vv. 2-4).

Isto soa exatamente como Abraão oferecendo Isaque. Tiago está dizendo que Deus traz provas em nossas vidas para desenvolver e aprofundar a nossa fé. A palavra *perfeito* ilustra frutos que são trazidos à maturidade e ao pleno desenvolvimento. Assim acontece com a fé. Isso não significa que nossa fé se torna absolutamente perfeita, mas que ela está crescendo, se desenvolvendo e amadurecendo por meio das provações que enfrentamos.

Pela graça do Espírito, ao sermos exercitados e desenvolvidos pelas provações em nossas vidas, a fé é levada a um maior grau de maturidade. O teste da fé significa que ela está sendo aprofundada e ampliada à medida que respondemos de modo apropriado. Quando fazemos escolhas em obediência a Deus em meio a

provações difíceis, isso desenvolve e amadurece a nossa fé. Mas enquanto estivermos acomodados, observando os outros de modo passivo, sofremos de atrofia espiritual. Os músculos da nossa fé enfraquecem. Porém, quando nos levantamos, nos movemos e exercitamos nossos músculos espirituais, nossa fé está sendo aperfeiçoada. Isso é o que Tiago está afirmando no versículo 22.

Tiago Ensina o *Sola Fide* No versículo 23, Tiago escreve: “E cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça”. Tiago cita a passagem que Paulo menciona em Romanos 4:3. Essa é outra indicação de que Paulo e Tiago não estão se contradizendo, já que eles estão até mesmo apelando para a passagem da Escritura do Antigo Testamento em Gênesis 15. Ambos estão ensinando a justificação somente pela fé, mas Tiago está indo além do ato inicial de justificação para o processo contínuo de santificação. Tiago está dizendo que somente a fé salva, mas a fé será testada a fim de dar evidência de que é a fé verdadeira. Ele está argumentando que alguém não pode simplesmente dizer que é cristão sem que haja a evidência clara de uma fé crescente que produz boas obras.

Se Tiago estivesse ensinando a justificação forense pela fé e pelas obras, ele teria apenas dado um tiro no próprio pé. Por que ele citaria Gênesis 15:6, se o principal texto prova a justificação pela fé, a menos que ele cresse nisso? Antes, ele está trazendo exatamente o mesmo argumento que Paulo em Romanos. Tiago é ousado em citar esse versículo. Deixe-nos ser claros: o versículo 23 faz referência a Gênesis 15, quando Abraão foi justificado pela fé, enquanto os versículos 21 e 22 fazem referência a Gênesis 22, trinta anos depois, quando a fé de Abraão foi justificada pelas obras.

O versículo 24 encerra todo esse argumento. “Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé”. Ficamos um pouco nervosos e começamos a suar quando ouvimos isso. Mas Tiago está dizendo exatamente o que Paulo está ensinando. Na

verdade, é exatamente a mesma coisa que Moisés escreveu e que Abraão experimentou em Gênesis 15:6. Os pecadores são justificados somente pela fé, mas a verdadeira fé nunca estará sozinha. As boas obras sempre estarão seguindo-a. Vamos expressar as coisas desta maneira: As boas obras nunca conduzirão ninguém ao reino de Deus. Contudo, uma vez que alguém esteja no reino, as boas obras sempre o seguirão a cada passo do caminho. As obras nunca justificarão alguém. Mas uma vez que alguém é justificado pela fé, essa fé será acompanhada de boas obras. Caso contrário, tal pessoa pode afirmar estar no reino, mas, na verdade, ela não está. Esse é o argumento de Tiago.

Se a raiz da justificação não produz frutos, a raiz está morta. Logo, o fruto justifica a justificação.

Raabe: Nenhuma Obra para Salvá-la Então, quem pode ser salvo? Tiago diz uma palavra de encorajamento exatamente sobre essa questão no versículo 25. Não importa quão pecador você é ou quão longe de Deus está; se você, por graça, colocar toda a sua fé em Cristo, independentemente do seu passado e presente pecaminoso, Deus o justificará. Ele removerá os seus pecados, sem consideração às boas obras. Essa é a glória da doutrina da justificação pela fé. O versículo 25 diz: “E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários e os despediu por outro caminho?”.

Você se lembra da história de Raabe, registrada no livro de Josué, na qual as suas boas obras acompanharam a sua fé. Uma vez salva, ela assumiu um grande risco e escondeu os espiões mesmo correndo grande perigo de perder a própria vida. Mas ela não pertencia mais ao mundo. As suas boas obras deram evidências de que ela havia entrado no reino de Deus. Ela estava disposta a colocar o seu pescoço na corda para esconder os dois espiões em Jericó. Essa era uma prova convincente de que ela já estava justificada pela fé. Essa era a prova de que a sua fé era uma

fé viva. Raabe — com grande coragem e ousadia, diante de um grande risco para a sua própria vida — se identificou com os dois espiões e os escondeu.

Quando o versículo 25 diz: “E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras”, significa que a fé de Raabe estava sendo justificada pelas obras. Raabe era justificada pela fé, e a sua fé era justificada pelas obras. Ou seja, a fé de Raabe foi verificada ou comprovada como verdadeira por suas obras. Esse ponto crítico ocorreu quando ela recebeu os mensageiros e os despediu por outro caminho depois que ela já havia sido justificada.

O versículo 26 conclui: “Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta”. Se você simplesmente diz que tem fé, mas não há boas obras, Tiago diz que você é um cadáver espiritual — não há vida espiritual em você. É o que o versículo 26 afirma, com a intenção de provocar o leitor a examinar a si mesmo para que tenha certeza de que a sua fé é uma fé verdadeira e viva, ou seja, que as raízes da fé produzem os frutos da fé.

Somente pela Fé, a Qual Não está Só John Gerstner nos ajuda a encerrar essa discussão sobre como a fé e as obras se harmonizam: Nunca é demais dizer que a justificação é somente pela fé, mas não pela fé que está só. A justificação é por uma fé que opera. Portanto, permita-me explicar mais uma vez o que significa a doutrina bíblica protestante da justificação somente pela fé, sem as obras. A justificação diante de Deus é separada do mérito das obras. Isso não significa que a justificação esteja separada da existência das obras. O cristianismo ensina a justificação à parte do mérito das obras. A crença fácil ensina a justificação sem a existência das obras. A fé sem a existência das obras é morta. E, assim, o impacto do que Tiago está anunciando e a necessidade de seu livro no Novo Testamento são providenciais para que as pessoas que conhecem a verdade do livro de Romanos, ou seja,

que somos justificados somente pela fé, sejam desafiadas a dizer que a sua fé é mais do que meramente uma fé intelectual em sua cabeça, e que [a salvação é] mais do que apenas uma fé emocional em seus sentimentos. Mas que é uma fé verdadeira, uma fé genuína pela qual tal pessoa exerceu verdadeiramente a sua vontade e entregou a sua vida a Jesus Cristo. Essa é a importância de Tiago.

Somos justificados pela fé ou pelas obras? A resposta é que somos justificados somente pela fé. Mas são as nossas obras que justificam a nossa fé. As boas obras autenticam que a nossa fé é uma fé viva — uma fé verdadeira e que salva.

A Raiz Produz o Fruto



Estamos agora em condições de voltar aos nossos casos de teste. Devemos receber o Sr. João ou o Sr. Carlos ou, talvez, ambos? Isso é doloroso, é claro, mas espero que vocês concordem comigo: Não podemos aceitar nenhum dos dois homens.

Depois de conversar com o conselho ali reunido, chamamos o Sr. João de volta à sala, e como pastor, você lhe diz algo semelhante a isto: “Sr. João, obrigado por ter vindo e por ter sido tão honesto no que nos disse, mas devo informá-lo que não temos liberdade para aceitá-lo, pois não está claro para nós se você é um cristão. Esperamos poder nos unir no futuro, mas me parece, neste momento, que você não compreende o que significa ser convertido. Na verdade, o senhor fala uma linguagem muito diferente da linguagem do povo de Deus. Para ser franco com você, amigo, teríamos que dizer que parece que você tem o espírito de um fariseu e legalista, embora possa não perceber isso. Você está imaginando que tem alguma bondade ou mérito próprio que o recomendará a Deus. Você não percebe que mesmo as suas melhores obras de justiça são como trapos imundos diante de um Deus onisciente e santo”.

O tipo de ensino que o Sr. João precisa entender corretamente é o de Paulo — que o homem é justificado somente pela fé, sem

obras. O Sr. João precisa ler e meditar em oração nos livros de Romanos, Gálatas, Efésios e Filipenses, nos quais Paulo nos declara que a justiça de que precisamos não é a nossa justiça própria. Em Filipenses, Paulo disse como ele já tinha a justiça da lei como judeu, e se vangloriava de seus pais, de seus antepassados, da sua circuncisão e de toda a sua pureza, segundo a lei cerimonial. Então, ele disse que encontrou Cristo, e o que ele afirmou em seguida? “Na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo, e seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé” (Filipenses 3:8-9). Foi o que Paulo passou a entender — que a justificação é somente pela fé.

Tragicamente, hoje milhões de pessoas como o Sr. João não têm a menor ideia do que significa ser justificado diante de Deus. Esse é um estado e uma condição espiritual muito terríveis. A coisa mais bondosa que se pode fazer é dizer a essas pessoas que elas não têm fé, não têm conhecimento de Deus, que estão se enganando e estão no caminho largo da destruição. Elas não compreendem nem mesmo o básico do Evangelho.

E quanto a você, meu amigo? Você é o reflexo do Sr. João? Caso sim, você tem algo a aprender e eu oro para que Deus lhe ensine o que você precisa tão desesperadamente saber.

Mas, e quanto ao Sr. Carlos? Infelizmente, há muitos como o Sr. Carlos ao nosso redor. Eles nos lembram o Sr. Loquaz, do livro *O Peregrino*, de John Bunyan. O problema deles é o oposto do Sr. João. O Sr. João é um legalista, já o Sr. Carlos é um antinomiano. Ele tem todas as palavras certas, mas não possui nada para provar a realidade do que ele diz. A sua língua fala muito, mas a sua vida não mudou. Não há nada de santo nesse homem. Ele fala, e nada

mais. O Sr. Carlos precisa ler e refletir em oração sobre a epístola de Tiago. Na verdade, Tiago escreveu a sua epístola exatamente para o tipo de evangélico hipócrita que o Sr. Carlos tristemente representa. Tiago diz a tais pessoas: “Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tiago 2:18).

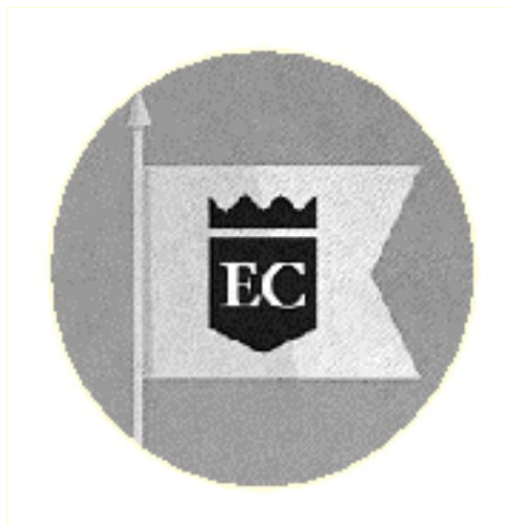
Permita-nos perguntar-lhe: Você vê frutos sendo produzidos em sua vida, os frutos das boas obras que brotam da raiz da fé? Há um desejo em seu coração de viver em obediência a Deus? Você vê uma prática crescente, habitual, progressiva de justiça em sua vida? Nós não estamos perguntando se você é perfeito ou se jamais peca. Nenhum de nós atende a esse padrão. Mas você percebe em seu coração o desejo de querer seguir a Palavra de Deus e o Senhor Jesus Cristo? Você é convencido quando peca? Você se sente verdadeiramente arrependido quando cai em pecado? Você sente que seu amor pelo mundo diminui cada vez mais? Você encontra dentro de si mesmo um amor cada vez maior pelas coisas de Deus? Você observa em sua vida uma prática crescente de justiça?

Se você diz *sim* ao responder a essas perguntas — ainda que seja um sim tímido — certamente há uma verdadeira fé enraizada dentro de você a qual está produzindo frutos. Não é necessariamente uma grande fé em Deus que salva, mas sim a fé em um grande Deus. É a presença de boas obras que autentica a sua fé. Enquanto você observa essas coisas, elas testemunham que a sua fé é uma fé viva — uma fé verdadeira e salvífica. As suas raízes da fé não são mortas e artificiais, mas vivas e genuínas.

Se, por outro lado, você vê uma dicotomia em sua vida, ou seja, você vem à igreja aos domingos e ouve a Palavra de Deus, depois volta para o mundo e não há mudança de vida — então isso é motivo de grande preocupação. Isso é um motivo para se perguntar: *A minha fé é verdadeira? É uma fé viva? A raiz da fé graciosa existe dentro de mim?*

Somente a fé salva, mas a fé que salva nunca estará sozinha. Ela sempre será acompanhada de boas obras, mesmo que estas sejam apenas uma realidade pequena, mas crescente. Se você observa essas boas obras, você pode saber que Deus está operando em sua vida, tanto o querer quanto o realizar segundo a sua boa vontade. Você pode saber que tem a vida eterna ao ver surgir a partir do seu coração tais boas obras. Pela graça, você pode concluir: *“Esta certamente deve ser uma obra sobrenatural da graça em meu interior”*. Somente Deus pode fazer você crescer da meninice espiritual, passar pela infância e mocidade, até que se torne um homem jovem ou uma mulher jovem na fé e, então, avançar para a maturidade da vida adulta espiritual no Senhor. À medida que, enquanto você observa esse crescimento em sua vida, ele traz a autenticação de que sua fé em Cristo é genuína. A fé é um dom de Deus e ela não vem de nós mesmos. Quando Deus dá o dom da fé, ela é viva. Ela sempre será viva e dará provas de si mesma através das boas obras.

Paulo e Tiago falam com uma só voz enquanto ensinam a justificação pela fé. Eles apenas olham para essa fé a partir de perspectivas diferentes. Paulo expõe aqueles que dizem ser salvos porque realizam os rituais da lei e diz que eles podem ser salvos somente pela fé em Cristo. Ele está nos sondando a fim de examinar as raízes da nossa justificação. Tiago expõe o hipócrita que afirma ter fé, mas cuja afirmação é contrariada por suas ações — os seus frutos são artificiais, o que, por sua vez, prova que as suas raízes são artificiais. Paulo diz que somente a fé salva, e Tiago acrescenta que a fé que salva nunca está sozinha. A fé salvífica é uma fé que age. Se nós somos verdadeiros cristãos, a raiz da justificação deve produzir o fruto da justificação.



A editora *O Estandarte de Cristo* é fruto de um trabalho que começou a ser idealizado por volta do início de 2013, por William e Camila Rebeca, com o propósito principal de publicar traduções de autores bíblicos fiéis. Fizemos as primeiras publicações no dia 2 de dezembro de 2013 (publicação de 4 eBooks). De lá para cá já são quase 7 anos e centenas de traduções de autores bíblicos fiéis, sobre diversos temas da fé cristã.

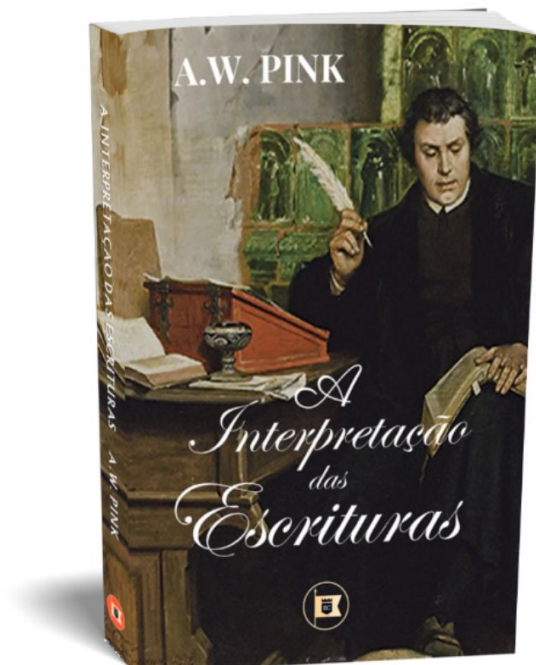
Somos uma editora de fé cristã batista reformada e confessional. Estamos firmemente comprometidos com as verdades bíblicas fielmente expostas na Confissão de Fé Batista de 1689.

Conheça outros livros publicados pela editora
O Estandarte de Cristo



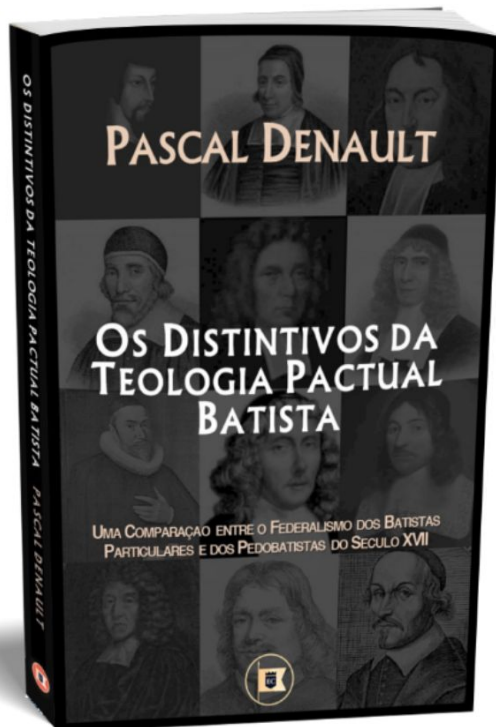
**[A Confissão de Fé Batista de 1689 + Catecismo Puritano
compilado por C.H. Spurgeon](#)**

“ Nós precisamos de um estandarte pela causa da verdade; pode ser que esse pequeno volume ajude a causa do glorioso Evangelho, testemunhando claramente quais são as suas principais doutrinas... Aqui os membros mais jovens da nossa igreja terão um Corpo de Teologia, que servirá como uma pequena bússola, e por meio de provas bíblicas, estarão prontos para dar a razão da esperança que há neles... Apeguem-se fortemente à Palavra de Deus que está aqui mapeada para vocês. ” — C.H. Spurgeon, 1855



A Interpretação das Escrituras
A.W. Pink

“ Dificilmente encontraremos um “tratado sobre hermenêutica”, tão bíblico e completo, tão profundo e ao mesmo tempo tão prático, como diz o próprio autor: Nestes capítulos temos nos esforçado para colocar diante de nossos leitores as regras que temos usado há muito tempo em nosso próprio estudo da Palavra; elas foram projetadas mais especialmente para os jovens pregadores. Nós não poupamos esforços para torná-los tão lúcidos e completos quanto possível, colocando em suas mãos esses princípios de exegese que nos foram de grande proveito. ”



[Os Distintivos da Teologia Pactual Batista](#) [Pascal Denault](#)

“ Pascal Denault merece muitos agradecimentos por seu trabalho ao pesquisar e descrever as nuances da teologia do pacto da Inglaterra no século XVII. Ele mostrou fatores significantes que contribuíram para as diferenças entre o pensamento e a prática dos presbiterianos e batistas particulares, descrevendo categorias teológicas em termos fáceis e acessíveis. ” — James M. Renihan, Ph.D. Deão e professor de teologia histórica
Institute of Reformed Baptist Studies



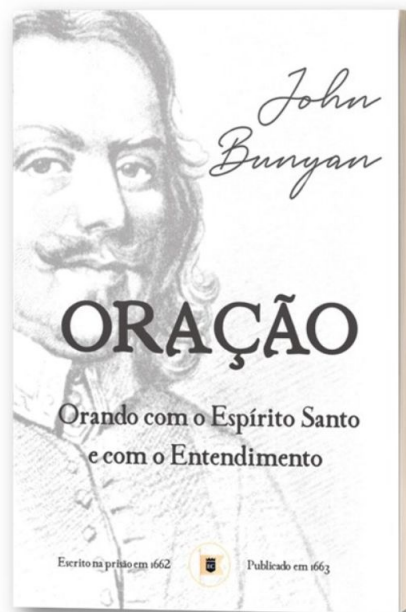
A Falha Fatal da Teologia por Trás do Batismo Infantil
Jeffrey Johnson

“ Jeffrey Johnson produziu uma interação minuciosa, vigorosa e impressionante com a teologia pactual, enquanto usada como apoio para o batismo infantil. Ele expôs uma análise detalhada de cada parte do sistema, aprovou o que era biblicamente fundamentado, desafiou o que é indefensavelmente inventado e ofereceu alternativas convincentes para cada parte do sistema que ele desafiou. ” — Tom J. Nettles, Ph.D. Professor de teologia histórica Southern Baptist Theological Seminary



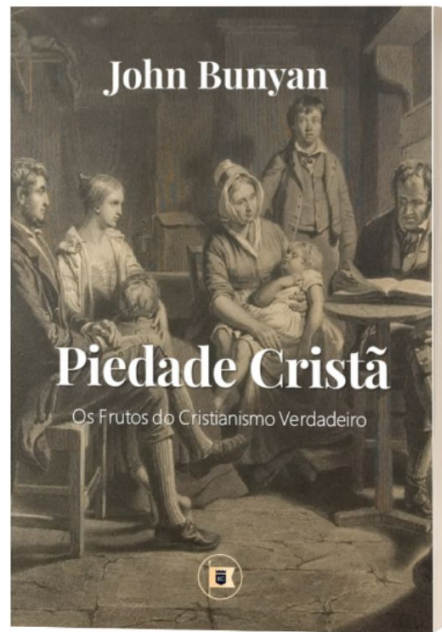
Um Guia para a Oração Fervorosa
A.W. Pink

“ A oração particular é o teste de nossa sinceridade, o indicador de nossa espiritualidade, o principal meio de crescimento na graça. A oração particular é a única coisa, acima de todas as demais, que Satanás busca impedir, pois ele bem sabe que, se ele puder ser bem sucedido neste ponto, o cristão falhará em todos os outros... Por mais desesperado que seja o nosso caso, maior é nossa necessidade de orar, se a graça em nós está fraca, a contínua negligência em orar a fará ainda mais fraca, se nossas corrupções são fortes, a omissão em orar as fará ainda mais fortes. ”



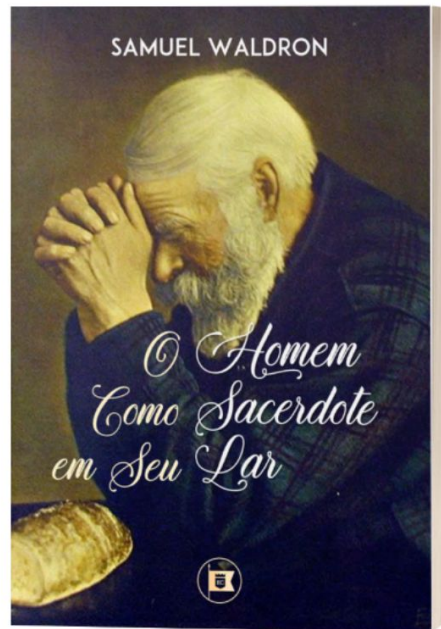
Oração: Orando com o Espírito Santo e com o Entendimento **John Bunyan**

“ A oração é uma ordenança de Deus que deve ser praticada tanto em público quanto em particular. Além disso, é uma ordenança que conduz aqueles que possuem o espírito de súplica para grande familiaridade com Deus, e também possui efeitos tão notáveis que alcançam grandes coisas de Deus, tanto para a pessoa que ora como para aqueles por quem ela ora. A oração abre o coração de Deus e através dela a alma, mesmo quando vazia, é preenchida. Através da oração o cristão também pode abrir seu coração a Deus como o faria com um amigo, e obter um testemunho renovado de Sua amizade. ”



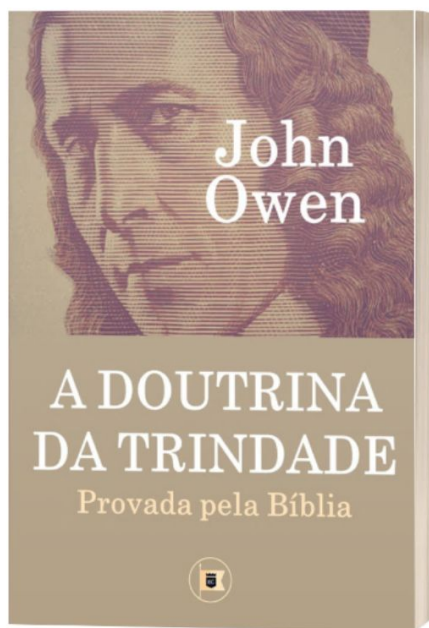
Piedade Cristã: Os Frutos do Verdadeiro Cristianismo
John Bunyan

Todo aquele que foi justificado pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo encontrará aqui um excelente guia para que possa viver de modo agradável a Deus. Este livro faz lembrar a magistral obra, *A Prática da Piedade*, do piedosíssimo Lewis Bayly, por seu fervor e fidelidade bíblicos, e por sua sobriedade e zelo piedoso de obedecer aos mandamentos do Senhor em todas as áreas de nossas vidas e em todos os nossos relacionamentos. O autor nos exorta à prática da verdadeira piedade cristã a partir de Tito 3:7-8.



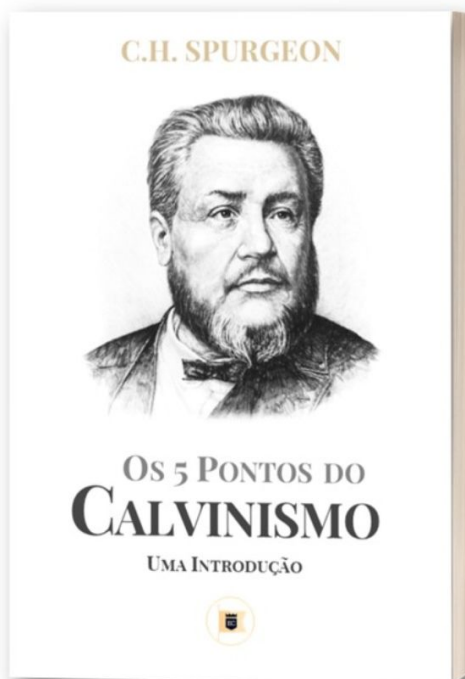
O Homo como Sacerdote em seu Lar
Samuel Waldron

“ A ideia de que um homem é sacerdote em seu lar se deriva naturalmente da tese de que todo ministério cristão tem caráter sacerdotal. No entanto, esse assunto confronta os homens com algumas das responsabilidades mais difíceis que enfrentaremos. Quando cumprimos nosso dever e sentimos nosso pecado e fraqueza nessa área, devemos constantemente nos lembrar da graça e das promessas que Deus nos deu. Não podemos fazer progresso confiando em nossas próprias forças. Somente cresceremos e assumiremos nossas responsabilidades com a ajuda de Deus. ”



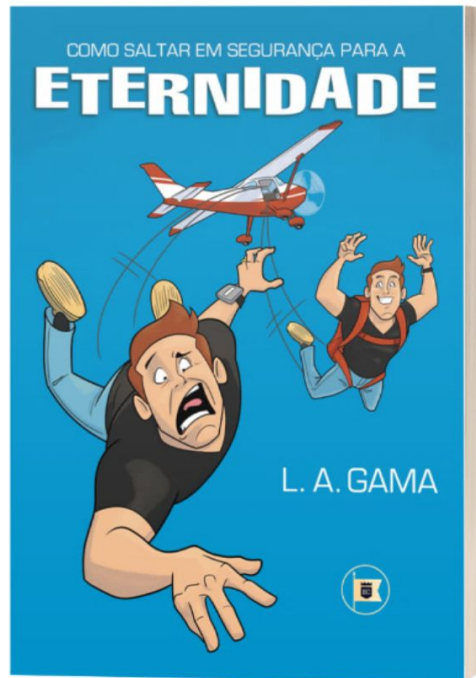
A Doutrina da Trindade
John Owen

John Owen fez uma defesa magistral da grande doutrina bíblica da Santíssima Trindade contra os socinianos. Dificilmente veremos hoje alguém que se denomine um sociniano, mas não é tão raro assim encontrar alguém indouto e inconstante que segue as pisadas deles e nega a verdade bíblica sobre a bendita doutrina da Trindade, para sua própria perdição eterna (2Pe 3:16). Portanto a refutação que Owen faz das principais objeções dos oponentes dessa doutrina permanece útil também para os nossos dias. Sobretudo é proveitosa a exposição fiel e profunda feita por ele sobre os principais textos bíblicos que revelam essa verdade fundamental sobre o único e verdadeiro Deus: Pai, Filho e Espírito.



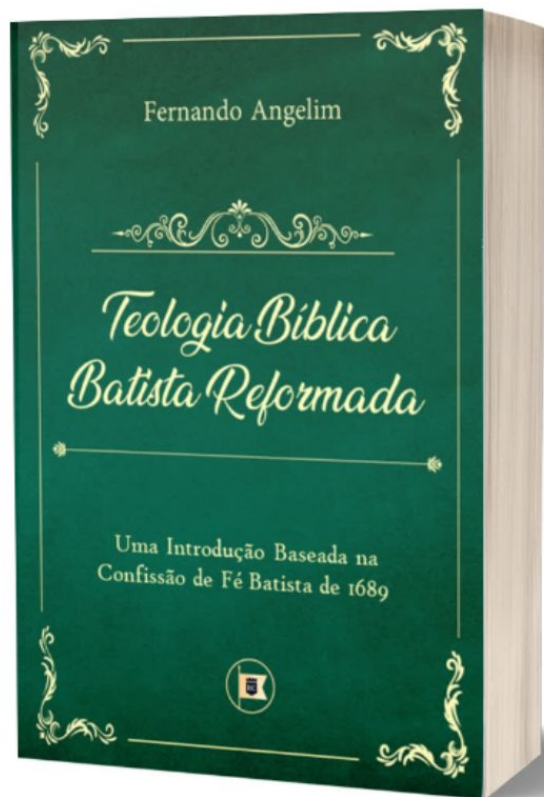
Os 5 Pontos do Calvinismo
C.H. Spurgeon

Nesta excelente coletânea de sermões Charles Spurgeon expõe o ensino bíblico sobre aqueles que ficaram conhecidos como os 5 Pontos do Calvinismo: 1. Depravação Total; 2. Eleição Incondicional; 3. Expição Limitada; 4. Graça Irresistível; 5. Perseverança dos Santos. A capacidade ímpar com que Deus dotou o pregador e a beleza e firmeza da verdade bíblica por ele tratada fazem deste livro um recurso extremamente importante para todos aqueles que desejam obter uma compreensão clara e robusta do ensino bíblico acerca da soberania da graça divina na salvação dos homens.



Como Saltar em Segurança para a Eternidade
Lidiano Gama

“ Com habilidade, o autor L.A. Gama desenvolveu a viagem de Greg Thopp rumo à eternidade sempre ladeado pelas doutrinas que foram o fundamento e alicerce não apenas dos batistas particulares (reformados), mas da própria Reforma Protestante e do puritanismo inglês e norte-americano que se seguiu. O livro é valioso para todos os cristãos, mas, sobretudo, é uma preciosa contribuição para os batistas e uma excelente oportunidade para se examinar cuidadosamente esse documento, a Confissão de Fé Batista de 1689. ” — Marcus Paixão



Teologia Bíblica Batista Reformada
Fernando Angelim

“ Estou convencido da extrema necessidade e urgência da igreja brasileira, especialmente os batistas, recuperar um entendimento bíblico profundo e piedoso sobre os pactos de Deus. E estou igualmente convencido de que este livro tem muito a contribuir para esse fim. Escrito de maneira clara e didática, e sobretudo bíblica, este livro se mostrará útil tanto para o pai de família que deseja conhecer melhor sua Bíblia e guiar a sua família piedosamente quanto para aquele que foi chamado a se “apresentar a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15). ” — William Teixeira